

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Histórias de vida

• O pouco que se dá é o muito que se recebe. Pensei nisto ao ler cartas de pessoas alfabetizadas através de cursos da parceria promovida pela Comunidade Solidária entre universidades e 38 prefeituras da Amazônia e do Nordeste. O mínimo que o Estado deve aos cidadãos é oferecer-lhes a oportunidade de aprender a ler, escrever e contar. No entanto, os alfabetizados receberam este mínimo com uma gratidão de comovente.

Terminados seis meses do curso, pediu-se aos alunos que contassem as suas vidas, como se estivessem escrevendo uma carta. Houve uma seleção e 118 cartas foram entregues a um grupo de jornalistas para que premiassem as três melhores.

Foi um dos trabalhos mais difíceis, prazerosos e comoventes que já fiz na vida. Na reunião final, quarta-feira, tentei convencer Dora Kramer, do "Jornal do Brasil", e Leonardo Mourão, da Editora Abril, colegas de júri, a aumentar para dez o número de premiados, tão injusto parecia-me afastar alguns daqueles relatos, ao mesmo tempo dramáticos, singelos e pateticamente agradecidos. Infelizmente, as moças do Comunidade rejeitaram a proposta. Ficaram de pensar na publicação futura de um número maior de cartas, testemunho da dura vida do Brasil interiorano e do esforço de seus filhos para superarem os obstáculos que o destino lhes reservou.

Nordestinos ou amazônidas, há traços comuns entre os recém alfabetizados, além da gratidão que manifestam às suas professoras, ao curso que lhes permitiu estudar à noite, ao Alfabetização Solidária e até ao presidente Fernando Henrique, lembrado por um deles.

O traço mais genérico é o trabalho infantil. Há quem tenha começado a trabalhar aos cinco anos de idade. Começar aos oito foi a sina de quase todos, meninos ou meninas. Vem, em seguida, a comum alegria de estar estudando. A esperança está sempre presente. Acreditam poder melhorar de vida simplesmente por terem aprendido a ler. "Confio em Deus que um dia irei melhorar de vida através da escola. E não voltarei a trabalhar nesta vida de cortar cana, arriscando a se cortar com as foices e as enxadas e cobra que tem na cana e não tem segurança nenhuma e nem comida para comer", diz José Cláudio, de Igreja Nova, em Alagoas. Outro traço comum: o fatalismo. Colocam a sua vida passada e as esperanças futuras nas mãos de Deus. Não é um "se Deus quiser" casual, como muitas vezes dizemos nas cidades, ao dar um até amanhã, mas uma crença profunda na direta interferência divina no destino de cada um.

Quem morava no interior da Amazônia freqüentemente se refere à falta de escolas, referência que não surge no Nordeste, onde a razão para não terem estudado é a necessidade de ajudar a família. Luiza Pinheiro, de Tapauá, mãe de filhos crescidos, explica ser a primeira vez

que tem a oportunidade de estudar, o que adora, "pois é gostoso aprender a falar nossa própria língua e saber tratar as pessoas com educação".

Duas mulheres já maduras contam a tristeza da ignorância. "Eu me sentia cega. Às vezes eu chorava quando pedia alguém para me escrever e dizia que estava sem tempo e não podia fazer a minha carta," conta Marineide Teixeira, de Pedro Alexandre, na Bahia. Raimunda Pires, de Tapauá, escreve que já não tinha mais esperança de aprender a fazer o nome. "Assinar meus documentos era para mim uma tristeza. Quando eu tinha que assinar alguma coisa, eu tinha de sujar o dedo. Hoje me sinto uma cidadã como qualquer outra alfabetizada e tenho esperança de aprender muito mais".

Alguns alunos sentiram-se na obrigação de defender os seus cursos. "Olha as pessoas preconceituosas, faz pouco da gente, diz que esta escola é de burro, mas do fundo do meu coração o que mais desejo é que todos que sonham um dia ser alguém na vida não desistam e siga em frente", declara Evaldo Ferreira, de Salitre, no Ceará. Diene Correia, de Maraã, no Amazonas, comenta que "muitas das vezes os alunos falam mal do diretor da escola. Mas quando eles se arrependem vai ser muito tarde. O estudo não vai servir para o diretor nem para os professores, sempre é para nós mesmos".

Há raros gritos de revolta, como o de Marcos Antônio Silva, de Dona Inês, na Paraíba, religioso: "Ó meu Senhor, juiz de toda a humanidade, eu sei que a maldade não foi o Senhor que plantou. Até a própria natureza eles estão acabando, poluindo o mar e as matas, queimando e destruindo o pouco que resta. As coisas aqui na terra estão mal divididas, o pobre, levando uma vida bandida, não come mais nem o pão que o diabo amassou."

Mas, no geral, é o conformismo. "A minha vida é boa, eu tenho saúde e vivo satisfeito, me divertindo bastante em jogo de bola, festa de santo, pega boi na mata e outras diversões. Porque eu nessa vida estou bem", diz José Homero, de Jaramataia, em Alagoas.

O povo brasileiro, como povo, é melhor que as elites, como elites, dizia San Tiago Dantas.

Errata: troquei o dia 1º de dezembro pelo dia 1º de novembro. O presidente Fernando Henrique Cardoso estará na Inglaterra seguindo o roteiro que informei na coluna de ontem no mês de dezembro. Deve ser El Niño.